

JORNAL DO RECIFE

REVISTA SEMANAL.

SCIENCIAS — LETTRAS — ARTES.

Assigna-se na Livraria Academica, rua do Imperador n. 79, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

A redacção accêita com reconhecimento qualquer trabalho que lhe offereçam.

Os manuscritos não publicados serão restituídos.

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

José de Vasconcellos

SEU PROPRIETARIO E EDITOR

Tanto para esta cidade como para qualquer ponto da provincia ou do imperio, o JORNAL DO RECIFE custa 5\$000 por semestre em pagamento adiantado. As pessoas de fóra que desejarem assigna-lo, remettam pelo correio em carta segura a importancia acima, com subscripto a redacção, que regular e pontualmente receberão os números de elle, e proporção que se forem publicando.

Summario.

ROMANCES, Esther, Historia de dous meninos e um cão — VIAGEM, Estado presente de Jerusalem — VARIEDADE, Apontamentos de um bebedor — ECONOMIA RURAL, Meio facil de converter em estreme todas aservas nosciyas — MORALDO — POESIA, Morezinha — O QUE VAI PELO MUNDO — O QUE SE FAÇA EM CASA — CHARADAS.

Esther.

(Por L. N. F. Varella.)

I

Não é um mero producto da imaginação o que eu vou contar, não é um desses episodios creados para enganar as horas da tedio e de enfado e que a litteratura denomina — romances ou novellas, — não; é um facto verdadeiro, um drama de sangue e de loucura, que passou de geração em geração e gravou-se para sempre na mente das turbas, — o grande livro das epopéas populares.

Em uma das provincias centraes desta bella terra do Brasil, houve outr'ora um homem nobre e opulento, que, longe do bulicio das povoações habitava uma de suas vastas propriedades, na encosta de uma serra escabrosa: era esse homem o Barão do Rio Negro.

Tinha elle em sua companhia dous filhos: o primeiro chamava-se Maximo, o segundo Antonio. Maximo, forte e robusto, era o predilecto de seu pai; Antonio, fragil e doentio, era olhado com desgosto pelo Barão, que não prodigalisava sequer uma caricia a essa pobre criança doente, cujo nascimento tinha occasionado a morte de sua mãe. Maximo vivia sempre aos joelhos paternos; era applaudido em todos os seus actos, mesmo naquelles em que merecia severa reprehensão; Antonio porém era desterrado para o interior da habitação e só tinha por quinhão neste mundo a molestia que minava-lhe a existencia e os duros tratamentos de seu pai. Assim cresciam estes dous meninos.

Uma vez um irmão do Barão, vendo-se completamente arruinado, resolveu ir a Africa tentar fortuna; deixou pois aos cuidados deste, uma filhinha de oito annos chamada Esther, bella como os anjos. A criança ligou-se logo de uma profunda amizade a Antonio e mais tarde, quando fogem os loiros sonhos da meninice para dar lugar aos castellos brilhantes da adolescencia, esta amizade transformou-se em uma paixão ardente e sem ternos.

Comtudo não fallaram elles de seu amor; não o fazem os passarinhos, — as flores e as borboletas, nem as estrellas que scintillam no firmamento, nem os vagalumes que lam-

pejam na floresta; mas elles sabiam que se amavam.

Havia uma voz intima, que vinha murmurar poemas de felicidade ao ouvido de Esther, quando ella acariciava esse moço pallido e formoso que, engolfado em acismas de ventura repousava a cabeça em seu regaço como o Romeo de Shakespeare.

Os prados, as brenhas, as savanas eram de continuo o theatro dessas scenas sublimes de amores primeiros, que banhadas de tão santa poesia as descrevera outr'ora, á sombra das bananeiras, — o singelo author de Virginia. Maximo era indifferente a tudo isso, seus dias elle os esperdiçava embrenhado no mais denso das mattas virgens, entregue aos ardentes prazeres da caça.

Quando a idade perigosa dos vinte annos chegou, Antonio principiou a adoecer gravemente; seu rosto tornou-se mais descorado, seus olhos orlaram-se de um roxo sombrio e no esforço de uma tosse secca e ligeira ás vezes um esgarro de sangue vivo pulava-lhe dos labios. Os medicos que consultou aconselharam-no que partisse quanto antes para a Europa, onde o clima e os habéis professores, talvez pudessem sanar a molestia terrível que tinha-se apoderado d'elle.

O moço ajuntou a herança que lhe deixára sua mãe, abraçou Esther, fê-la jurar um amor eterno, uma fidelidade sem limites; despedio-se de seu pai e seu irmão, que o viram ir sem pezar, — e ungido das lagrimas virginaes de sua noiva partio.

II

A felicidade na vida é uma dolorosa quimera. O destino do homem é tender sempre para um ideal que lhe escapa dos braços e como esses espiritos de que falla Ossian o montanhez, desfazem-se em vapores e perdem-se na amplidão. Nossos desejos são insaciaveis, nossas esperanças sem termos; estas esfumam-se ao desengano, aquelles descoram-se no enojo. Já alguém disse que a posse era o tumulto do desejo. A esperanza é uma livida ironia, disse o maior poeta do seculo passado.

Chegando ao Rio de Janeiro, Antonio embarcou-se em um navio que partia para Italia. Era a patria de Boccaccio e Dante, debaixo desse bello céu que fizera suspirar Byron e Musset, que elle ia mendigar o ambiente embalsamado um atomo de vida que resfrescasse seus corrompidos pulmões.

Na casa do Barão entretanto a vida continuava na mesma, como se nada acontecesse, excepto para Esther, cuja existencia parecia, com a partida de Antonio, ter-se transformado em um medonho deserto. Com effeito a moça estava excessivamente triste e pensativa, longas horas inclinada á janella, como a pallida amante de Raul, ella passava com os

olhos fixos na extrema nebulosa do horisonte onde desaparecera Antonio quando partira. Era triste, triste aquelle olhar, que parecia sahir do seio, transpor o espaço e banhado de amor e de saudades ir descansar nas plagas extranhas onde estava o noivo de seu coração.

Ha em nossa terra umas florinhas — melancolicamente azuladas — que crescem á margem dos rios e são cultivadas nos jardins; na Allemannha chamam-nas — Wergiss mein nicht não te esqueças de mim. Conta-se que um cavalheiro passeando á tarde pelas margens do Rheno ao lado de seu amante, víra uma multidão dessas flores que se emballavam docemente ao sopro das brisas. Sendo rogado por sua dama elle desceu á colhe las, então o pé lhe faltou e elle cahio na profunda corrente; nas agonias da morte, entretanto, surgindo á tona d'agoa, lançou á sua bella o ramalhete que tinha colhido murmurando — Wergiss mein nicht, não te esqueças de mim! — e afundou para não mais se erguer. Desde então aquellas bellas filhas da tristeza que se balançam á beira d'agoa tomaram o nome saudoso que tem.

Por uma dessas coincidencias que se dão todos os dias, sem conhecer a legenda poetica que acabei de narrar, Antonio tinha deixado a Esther como lembrança um ramalhete destas lindas florinhas. A donzella guardou-o no seio e quando apertavam as saudades de seu noivo ella banhava de lagrimas aquellas pealalas emmurchicadas pelo tempo e pelo calor de seu peito.

Um anno tinha decorrido depois da partida de Antonio, quando o Barão recebeu uma carta da Africa em que lhe participavam que seu irmão tinha morrido, deixando a Esther uma fortuna immensa. Notando então que Maximo principiava a enamorar-se da donzella, resolveu casal-os, augmentando assim o patrimonio de seu filho.

Foi ter por isso com Esther e communicou-lhe seu desejo.

A moça recusou apenas lhe tinha fallado seu tio. O Barão zangou-se e dobrou de instancias, porém como ella proseguisse firme no seu intento enfureceu-se aquelle e exclamou:

— Dave existir um motivo para não aceitar a mão de teu primo, exijo que m'o digas.

Esther abaixou os olhos e não respondeu.

— Então callas-te? bradou de novo o Barão.

— Amo Antonio, meu tio, disse ella corando, jurei não casar-me senão com elle, não devo trahir meu juramento.

— Porém pensa, proseguio o tio ameigando a voz, Antonio está longe, muito longe, e tão cedo não voltará, no entanto estás já moça e precisas escolher um marido que te proteja, pensa bem e....

— Tenho pensado, interrompeu Esther, não aceito senão Antonio.

— E se elle não voltar ?

— Oh ! hade voltar ! exclamou a virgem com voz repassada de íntima confiança.

O Barão carregou o sobrolho e continuou :
— E se te houvesse elle esquecido, se te não amasse mais, se estivesse casado em finesses paizes onde ha tão bellas mulheres ?

A moça empallideceu um momento, depois abanando tristemente a cabeça respondeu :

— E' impossivel, meu tio. Antonio não podia fazer isto, porque ama-me... Oh ! amo muito.

— E se o houvesse feito ? proseguio o Barão.

— Se o houvesse feito, repetio Esther, olhando fixamente para seu tio, se houvesse feito, eu morreria.

Uma gargalhada sarcastica e motejadora escapou dos labios do Barão.

— Morrer... morrer.... exclamou elle depois ; pois olha, Antonio não voltará porque está thísico declarado, porque não tem um anno de vida ; tu te casarás com Maximo porque eu o quero, agora morre, vamos vêr...

Assim fallando sahio arrebatadamente deixando a moça inundada de prantos.

No outro dia o casamento de Esther e Maximo estava convencionado para d'ahi a um anno, em quanto se lia tratar dos negocios da herança d'aquella, e o Barão escrevia uma longa carta á Antonio, dizendo que a moça tinha mudado de resolução, a pedido seu, e que de hora em diante não a considerasse senão como mulher de Maximo seu irmão.

III

Um anno tinha desaparecido no sombrio abysmo do tempo para nunca mais volver.

A casa do Barão do Rio Negro estava esplendidamente illuminada, os convivas passeavam conversando pela grande sala, a orchestra preludiava uma contradansa. No outro dia as dez horas da manhã devia ter lugar o casamento de Maximo e Esther.

A donzella tinha estado o dia inteiro febril e agitada, seus labios descorados e seccos pareciam queimar, seus olhos ardiam em labaredas deliriosas, seu peito precisava de ar. Como a pedido do Barão os convivas tinham-se reunido depois da ceia na grande sala para dansarem e divertirem-se, Esther protestou uma grande dôr de cabeça e pediu a seu tio que a dispensasse aquella noite, porque desejava descansar. Concedida a licença a moça entrou para seu quarto e deitou-se.

Maximo tinha proposto que dansassem até ao amanhecer e os convivas tinham aceitado. O divertimento continuava por isso com mais fervor.

Era já bem tarde quando uma rapariga que estava á janella respirando o ar da noite deu um grito e recuou horrorizada. Correram todos para ella e perguntaram a causa de seu espanto.

A moça tremula e pallida respondeu :

— Ali em baixo, ali junto ao portão vi á luz das luminarias passar vagarosamente a figura de um frade.

— Um frade ! exclamaram todos.

— Sim um frade, continuou a moça, tinha o capuz cahido sobre o rosto e em vez de andar parecia arrastar-se a um bastão que segurava com as duas mãos.

— E para onde foi ? perguntaram alguns.

— Entrou para o portão, respondeu a rapariga.

— Nossa Senhora ! gritou uma dama que ali estava, é preciso vêr, Sr. Barão, é preciso vêr....

O Barão rio-se sarcasticamente.

— Mas, Sr. Barão, disseram alguns convidados, é prudente, é...

— Ora é prudente, que as senhoras tenham medo vá, mas homens é intoleravel !

Os convivas morderam os beiços e retiraram-se para um canto.

No entanto junto da moça tinha-se feito uma roda e fallavam impressionados.

Então o Barão adiantou-se e disse :

— Não foi nada, meus senhores, algum criado passava por ali embrulhado em seu capote e a senhora tomou por um frade.

— Asseguro-vos, disse a moça ; vi attentamente, porque não estava ainda assustada, e assegurou-vos que vi um frade.

— Na vossa imaginação, atalhou o Barão com voz sarcastica.

— E ainda mesmo que fosse um frade que mal vos faria, disse Maximo aproximando-se da janella.

— Foi illusão, foi illusão, disseram todos, vamos dansar.

E o baile continuou.

Nublada e triste apontou a aurora no horizonte, uma brisa humida e fria sacudia as folhagens lá fóra e vinha bater nos rostos dos convivas empallidecidos pela insomnia.

— E' já dia, gritaram todos, acorde-se a noiva, acorde-se a noiva.

— E' verdade, disse o Barão, vamos acordal-a ; e como ainda os corredores da habitação estavam na obscuridade, tirou uma vella da serpentina e seguido pelos convivas encaminhou-se para o lado do quarto de Esther.

Chegando a porta pararam ; o Barão bateu. A moça não respondeu.

Segunda vez bateu o Barão com mais força ; houve o mesmo silencio.

Terceira, quarta, quinta vez bateu elle violentamente, porém nada : era um silencio de morte.

— Arrombe-se a porta ! gritaram os convivas assustados.

A porta foi arrombada.

Um vulto estava de joelhos junto ao leito da virgem : era um frade.

Todos recuaram horrorizados.

Maximo porém como o mais valente tomou a vella da mão de seu pai e encaminhou-se até ao meio do quarto.

Então o frade fez um movimento, o capuz cahio e um rosto magro, esverdeado, um rosto onde se lia a maceração e os desgostos appareceu aos olhos de todos.

O Barão deu um grito e Maximo afastou-se até a parede exclamando :

— Antonio !.... Antonio....

— Sim, é Antonio, murmurou o frade com voz surda e rouquenha, é Antonio que ha seis mezes se torce em fundas agonias entre as quatro paredes de um convento ; é Antonio que sentindo a morte chegar a sua frente abandonou a cella de abstinencias para vir morrer aqui !

Depois voltando-se para o Barão que chamava repetidamente Esther por seu nome, proseguio :

— Não a desperteis, ella dorme, delirou de febre a noite inteira, debateu-se em angustias malditas em quanto vós dansaveis !...

Entretanto Maximo aproximou-se do leito da moça, depois recuou espavorido e com a mão tremula e convulsa apontou para ali.

Todos correram, chamaram-na repetidas vezes, agitaram-na de um lado para outro, porém ella não respondia ; estava morta.

Louco, desesperado como uma hyena, Maximo lançou-se sobre Antonio bradando :

— Miseravel ! fostes tu que a mataste !

O monge recuou vacillando até a muralha, e com essa voz rouca do moribundo que sae

das entranhas e parece vir dos pés, como o disse Vigny, fallou :

— Não me toques porque em breve estarei com ella, porque tambem vou morrer ! e cahio torcendo-se sobre os joelhos.

No outro dia dous caixões mortuarios sahiam da casa do Barão do Rio Negro. Era Esther e Antonio que se iam a enterar.

O Barão contemplava da janella o funebre prestito dando gargalhadas freneticas. Maximo tinha-se afundado pelas mattas virgens com os cabellos hirtos, o olhar inflammado e os beiços espumantes. Tudo estava acabado.

LEGENDA.

Quando a noite é sombria e carregada e o vento ruge nas folhagens da selva e os mortos cantam suas lamentações a sombra dos cyprestes do cemiterio, então á luz amarelenta das phosphorecencias, o frade se levanta de sua cova para chorar amargamente as desdidas que soffreu.

Viajante que passaes pela estrada, tomai sentido ao aproximar-vos do cemiterio.

Elle chora o sombrio frade, mas, de outra cova mais longe, sua amante levanta-se para vir chorar com elle.

Ella está vestida de noiva, tem um véo sobre o rosto e na cabeça uma grinalda de flores de laranja. O vento ruge, as phosphorencias valsam sobre as sepulturas e a coruja lança o seu canto desolado.

Mas os gemidos de seu peito e os soluços de seu coração continuam cada vez mais dolorosos.

Quando a aurora apparece no horizonte e o gallo canta pela terceira vez, elles se abraçam e cada um entra para seu leito de morte.

Viajante, que passaes pela estrada, tomai sentido ao aproximar-vos do cemiterio !

(CORREIO PAULISTANO.)

Historia de dous meninos e um cão.

VI

Esse singular horoscopo em nada entristeceu os dous pobrezinhos, porém os embarçou muito.

Quem seria pois esse novo camarada, esse terceiro amigo que parecia dever associar-se á seu futuro.

Como se viesse expressamente para responder-lhes, a primeira parte de sua predição não tardou em realisar-se.

O amigo em questão foi um cão.

Um pobre cãozinho abandonado, como elles, sem ração e sem asylo.

Era mesmo mais infeliz do que elles ; faltava-lhe uma pata.

Acolhê-lo com muitas caricias foi o common impulso dos dous meninos.

No seu reconhecimento, o pobre animal pôz-se á lambar os pés descalços de Georgeta.

E, notai bem, era um *king-charles*.

— E' o de outro dia, exclamou Georgeta, elle reconheceu-me... é o cão do pedaço de assucar, da fita de seda, da colleira de marroquim incarnado, debruada de ouro. Pobre animalzinho ! como descahio de sua opulencia, de seu esplendor ! Foi provavelmente por causa da sua pata cortada... já não fazia honra á sua senhora, a ingrata o expulsou porque elle estava aleijado, desgraçado ! Porém como é ainda assim mesmo bonito ! e tão pequenino, parece da nossa idade...